



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Bem Viver e Agroecologia na Comunidade Indígena Guarani Kaiowá

Sandra Procópio da Silva - Movimento Sem Terra;
Maristela Aquino Insfran-Movimento Indígena
sandraprocopio@hotmail.com; maristelaakino@gmail.com

Tema Gerador: Conservação e manejo da sociobiodiversidade e diversidade e direitos dos agricultores e povos e comunidades tradicionais

Apresentação

Nossa experiência começou em meados de março de 2016 na aldeia Bororó onde habitam os índios da etnia Guarani Kaiowá, localizada no Município de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Baseados nas relações de confiança e reciprocidade, fomos convidadas a iniciar um trabalho de agroecologia, a partir dos princípios da Educação Popular, a partir da temática da fome, que perpassa a comunidade e a Escola Municipal Indígena Lacuí Roque Snard, onde foi a base do início do trabalho.

Contextualização

A presente experiência que teve início em meados de 2016, através de uma roda de conversa, coordenada por nós, Sandra e Maristela, dentro da comunidade Aldeia Bororó, na escola Lacuí Roque Snard, entre professores e toda comunidade escolar. Na primeira roda de conversa foi feito um diagnóstico rápido e participativo sobre o Contexto local. Houve a seguinte pergunta geradora do debate: “Quais são os principais problemas enfrentados aqui na comunidade e na escola?”. Logo após uma conversa em grupo foram levantados os seguintes pontos:

1.Fome: a falta de alimentos é um problema grave entre os indígenas desta localidade. Muitas crianças chegam até a escola porque é onde faz a única refeição do dia. Há famílias que recebem cestas básicas, mas não são todas as famílias. Algumas recebem as cestas mas o alimentos é insuficiente, não completa os 30 dias que é quando deveria chegar a cesta básica seguinte. Em relação à qualidade dos alimentos também foi levantado, que são alimentos cujas propriedades não suprem as carências diárias de alimentação que as pessoas necessitam para sua vida. As cestas possuem os seguintes alimentos: arroz, feijão, açúcar, óleo, fubá, sal, trigo, macarrão.

2.Terra: a falta de terra é um elemento causador da fome. Porque terra era utilizada pelos mais velhos para um sistema de plantio em que se fazia o pousio, a rotação de culturas, o manejo da roça de acordo com a necessidade de cada família extensa. A terra também era o lugar de se abrigar nas matas para passar a raiva, para construir



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



casas e mudar de lugar quando havia problemas de relacionamentos ou espirituais, para plantar e fazer festas nas colheitas. A terra era bem mais que um pedaço definido de terra, definido geograficamente. Mas era o lugar de ser gente, de sentir-se dentro de um mundo daquele grupo, o seu “tekohá”.

3. Trabalho: precisam de terra para trabalhar, mas pelo fato de não terem terra para trabalhar na aldeia, há sobra de mão de obra. Isso faz com que vendam sua força de trabalho para os fazendeiros da região ou as usinas, ou frigoríficos, ou qualquer posto de trabalho onde consigam o mínimo para sobreviver. Houveram relato de trabalho nas fazendas (quebra de milho) que consideramos relações de semi-escravidão, como a diária por R\$ 10,00 por exemplo, acontece ainda neste momento.

4. Afastamento do modo de ser guarani kaiowá: porque o modo de ser está associado à poder viver no território, com sua liberdade, sua autonomia, seus modos e valores tradicionais. É o que se costuma chamar normalmente de “perda das culturas”, porém, simplesmente não se perde uma cultura se não se compreende que este fato está associado ao direito a terra e território. Nesse sentido, historicamente, aos poucos, deixou-se de praticar como de costume tradicional as rezas, danças, festas, o modo de produzir alimentos... isso foi acontecendo gradativamente junto com a perda das terras e do território. Entre tudo isso, no campo da alimentação da produção de alimentos tradicionais, aconteceu também a perda de vários costumes como o mutirão para o plantio, os jeitos de guardar as sementes crioulas, as mudas nativas, por exemplo. O cultivo do modo de ser guarani está associado à possibilidade de, no território, manter viva as suas tradições de plantio, colheita e festas religiosas, sobretudo.

5. Falta de matas e água: nessa comunidade é “comum” ficarem dias sem água, que é racionalizada pela prefeitura local. Tem problema de encanamentos, falta de poços artesianos suficientes, muitas vezes são obrigados a buscar água após caminharem longas distâncias, e obrigados a pegar água nas valetas de rios que são contaminadas pelo agrotóxico que vem das fazendas dos entornos. Também estão cercados por muitas nascentes que foram aterradas pelos fazendeiros ou arrendatários das terras. A maioria dos rios e nascentes secaram.

Na segunda roda de conversa, o diálogo foi a partir da seguinte pergunta geradora: “O que podemos fazer aqui na escola para melhorar a alimentação e ajudar a mudar a realidade?”. A partir desta questão o grupo em coletivo discutiu as seguintes propostas alternativas: 1. Conscientizar os pais e estudantes sobre esse trabalho; 2. Abrir a porta da escola para a comunidade; 3. Trazer os anciões para nos abençoar com sua sabedoria; 4. Plantar mudas frutíferas e nativas de crescimento rápido e sombreamen-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



to; 5. Fazer oficinas com os estudantes; 6. Envolver-se para aprender e para ensinar agroecologia, envolvendo os pais e todos da comunidade; 7. Envolver os estudantes da comunidade que estão concluindo ou já concluíram a graduação para dar retorno de seu novo conhecimento à comunidade; 8. Intercambio e trocas de sementes; 9. Visitas e recuperação das nascentes; 10. Implementar horta e roça na escola e ir abrangendo a comunidade; 11. Valorizar a escola: ambiente alegre e colorido; 12. Explicar sobre alimentação com veneno e sem veneno; 13. Transformar as práticas de plantio em conteúdo para os professores trabalharem o aprendizado em sala de aula, relacionando teoria e prática; 14. Fazer novamente a prática dos mutirões entre nós todos, porque sempre existiram antigamente.

Desenvolvimento da experiência

Para desenvolver as nossas experiências, escutamos os mais velhos, fomos nas casas e matas e escutamos as histórias de como era antes e agora. Na escola cultivamos uma pequena horta com as crianças, realizamos mutirões, plantamos árvores, fizemos roças nas casas. Escutamos os relatos de que muito antigamente as famílias extensas viviam nas florestas. Era nas matas que se abrigavam e viviam com tudo o que precisavam: habitação, alimentos, festas, ensinamentos, convivência social.

Como exemplo, nas rodas de conversa e visitas, Seu Ricardo Arce nos contou que antigamente coletavam mel, pescavam, caçavam animais. Os guarani tradicionalmente comiam o “coró do côco que chama *puku*. Também comiam uma fruta do mato chamada *g~wambype* (parecida com *araticum*), *bem docinha e com bastante caldo*. Também tinha *guariomba* no mato, fruta para fazer suco, também o *pindó* que colocava no pilão, socava bem e tirava o alimento, coava e colocava o mel *jateí*. Também tinha no mato uma fruta chamada *gwakuri*, uma laranja azeda. Existia também muito *jatobá*, *jarakatia*, que parece uma espécie de mamão do mato e se colocava em baixo das cinzas para ficar mole. Havia também uma fruta nativa chamada *jatayva*, uma amoreira do mato. Existia bastante *jenipapo*, que é remédio e é também a fruta de onde se tira o corante para as artes. Seu Ricardo Arce também analisou que antigamente as crianças levantavam cedo e iam para a roça ajudar os pais. E hoje as crianças acordam cedo e tem que ir para a escola. Antes dependiam dos alimentos das matas, e hoje dependem dos alimentos da cesta básica.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Sabemos que historicamente, quando as escolas foram implantadas em áreas indígenas, as línguas as tradições oral, e os saberes e as artes tradicionais dos povos indígenas foram discriminados e excluídos da sala de aula. A função da escola era fazer com que os estudantes desaprendessem sua cultura e deixassem de ser indivíduos indígenas. Aqui não foi diferente, houve muita luta e resistência.

A Dona Floriza, contou que antigamente existia uma senhora chamada vovó Ka'agwy, uma de guardiã da tradição para cuidar especialmente das mulheres grávidas. Todas as pessoas do lugar sabiam que ela cultivava alimentos especiais para as gestantes. E ela tinha como objetivo nutrir a mãe para a hora do parto. Ela conhecia os segredos dos melhores alimentos para quem iria parir. Dona Floriza ainda analisou que atualmente as mães e as crianças estão desnutridas.

Enfim, desenvolvemos a experiência com vários passos: desde a escuta aos mais velhos até o trabalho com a sala de aula, as roças e horta na escola, os quintais nas casas, as viagens de intercâmbio, momentos de avaliação, de planos, de revisão de planejamento.

Desafios

O sistema vigente institucionaliza um modelo de escola centrado na reprodução das relações de dominação. Então tudo o que é novo e tende a questionar os padrões da escola tradicional, nem sempre é aceito por todos. Neste sentido um dos maiores desafios é ter uma escola aberta para a comunidade, e realmente deixar-se embebedar por ela, a comunidade, como sua protagonista principal. É aceitar a comunidade colocar a escola de ponta cabeça para recolocá-la no seu lugar à serviço dessa comunidade.

Um outro desafio é encontrar a juventude desanimada, sem perspectivas reais de vivências com autonomia em seu território. Disso decorre a perda dos valores tradicionais, como o amor e o cuidado com o cultivo da terra. Encontramos vários estudantes que não sabem mais cultivar a terra, e nem conhecem mais os segredos do cultivo das sementes, porque houve uma ruptura histórica e social brusca com a perda das terras e do território. Em 1910 quando foi criado o antigo SPI – Serviço de Proteção ao Índio, aqui no caso de do estado de Mato Grosso do Sul, juntou-se todos os indígenas da região em 8 pequenas reservas demarcadas, num verdadeiro processo de remoção forçada, e com isso, a perda das terras e do território, que alguns autores chamam de confinamento, levou-os à que bruscamente rompessem também com seus valores sagrados, sua plena totalidade espiritual.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



O entorno da comunidade é cercado pelo modelo do agronegócio. Este é um enorme desafio, do ponto de vista concreto, ambiental, social, econômico, enfim. É uma vasta extensão de monocultura que “faz os olhos se acostumarem a olharem aquele imenso mar verde” como ideário de produção agrícola. E a ideia do agronegócio tenta hegemônizar todos os pensamentos, tanto que os faz sentirem envergonhados de suas pequenas produções em seus quintais, como se fossem derrotados. Alguns não veem outra saída que não seja o arrendamento de seus pequenos pedaços de terra. Acontece ao mesmo tempo uma violência simbólica que leva aos níveis de ser considerada a região com uma das taxas mais elevadas de violência, desde alcoolismo, suicídio, homicídio, violência contra mulheres e crianças, como Resultados desta perda irreparável da terra e do território.

De fato, outro grande desafio, é a falta de tomada de consciência crítica da importância desta realidade, falta de informação, formação, estudos, diálogos, debates, acesso aos novos conhecimentos, ampliação de visão de mundo, comprometimento com as mudanças estruturais que causam estas situações de desigualdades sociais profundas. As informações chegam através da escola, das rádios e TV, das igrejas, dos postos de saúde, dos órgãos públicos.

Principais Resultados

O Projeto nos possibilitou trabalhar importantes temas que transformamos em conteúdos para os estudos nas salas de aula, como: luta e direito à terra, soberania popular, sementes crioulas, cultivo de plantas, horticultura, agricultura indígena, abundância ou escassez dos alimentos, os impactos e as transformações ambientais na comunidade, benefícios ou problemas causados pela Introdução de novas tecnologias, a conscientização da importância dos alimentos tradicionais, o reconhecimento dos alimentos nativos da comunidade, o resgate de hábitos alimentares saudáveis.

Houveram vários momentos de mutirão com a presença e a participação das principais lideranças e equipe escolar juntamente com os professores. Houveram várias visitas, entre elas de estudantes de duas universidades públicas (FAIND – Faculdade Intercultural Indígenas e UEMS- Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul) e também participação uma caravana de estudantes de diversos países para conhecer a comunidade e fazer intercâmbio.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



No decorrer do ano foram acontecendo as ações como: cultivamos a horta escolar, trabalhando com a questão da terra, sementes e vida, arborizamos a escola, houve a participação das lideranças e professores, os ancestrais da comunidade (nhandes e nhanderu), fomos visitar e participamos de oficinas agroecológicas no encontro na Feira de Sementes Tradicionais, anual, em Juti -MS.

Após esse encontro iniciamos uma experiência com os Guardiões das Sementes do Projeto Multiplica na comunidade Bororó, com a implantação de uma pequena área experimental SAF- Sistema Agroflorestal, na casa do Senhor Pedro Arce. Hoje nesse espaço acontece um ponto de partida com a disseminação dos conhecimentos do projeto agroecologia para a comunidade e para os visitantes que queiram conhecer o projeto.

Disseminação da experiência

O Projeto Agroecologia na escola, após as experiências vivenciadas com os alunos, no decorrer do ano foram se multiplicando e disseminando para a comunidade. Houveram diálogos e momentos de troca de sementes na comunidade, fortalecendo a reciprocidade guarani kaiowá, e partilhando as sementes crioulas. Houve também a implantação do SAF na casa de uma das lideranças indígenas do local, o Sr. Pedro Arce.

Com os conhecimentos adquiridos no projeto na escola e a vivencia na participação da implantação do SAF, um dos nossos estudantes também quis levar a experiência para sua casa. Então nosso estudante Rosenildo Arce, de 17 anos de idade, da etnia guarani kaiowá, desenvolveu em sua família extensa uma área experimental de SAF, com trabalhos com a recuperação do solo, usando adubos verdes, troncos e folhas de bananeiras, palha seca, madeira seca e em decomposição, folhas verdes de leucena, plantação dos alimentos nativos e um banco de sementes tradicionais e crioulas incluindo sementes de adubo verde.

Após um ano de Projeto na Escola, embora ainda em estágio inicial, fomos convidadas para apresentar a experiência para a SEMED - Secretaria Municipal de Educação para estabelecer um diálogo com a Prefeitura que governa as 9 escolas indígenas do Município de Dourados, através da SEAID- Secretaria de Assuntos Indígenas de Dourados, com apoio pedagógico da FAIND- Faculdade Intercultural Indígena e demais apoiadores.